

Pompeia

Uma história reescrita entre o esgoto e *Leda e o Cisne*

Quando um grão de pimenta encontrado num cano de esgoto e uma inscrição a carvão na parede de uma casa podem mudar uma narrativa já consagrada nos livros de História... Regresso a Pompeia, agora também a cores, mais ou menos luxuriantes. Uma cidade de comerciantes e burgueses, sepultada há quase 2 mil anos

Por Sérgio C. Andrade



Algumas imagens fantásticas correram mundo no último ano e voltaram a trazer Pompeia para a agenda mediática: a representação do mito grego *Leda e o Cisne* e a posterior revelação de outra cena mitológica, Narciso admirando-se no espelho das águas, nas paredes da Casa de Júpiter; os moldes (“occos”, na linguagem da arqueologia) de três cavalos, a recordar que também os animais foram abatidos pela lava e pela chuva de fogo (piroclastos) expelida pelo vulcão Vesúvio; o instantâneo do esqueleto de um homem derrubado por um bloco de pedra, o mesmo a quem já chamam “o último fugitivo de Pompeia”...

A estes quadros que nos fizeram recordar a tragédia vivida pelos habitantes desta e de outras localidades a sul de Nápoles nesse fatídico ano 79 da era cristã, acrescentou-se a descoberta, no passado mês de Outubro, de uma inscrição a carvão na parede de outra casa que levou os arqueólogos e historiadores a alterarem a data até agora fixada para o início da erupção, 24 de Agosto, para, pelo menos, dois meses mais tarde, final de Outubro ou Novembro.

Pompeia está outra vez na ordem do dia, e passados anos de inércia e de aproveitamento apenas turístico do quadro pungente dos occos/esculturas que, como não acontece em nenhum outro sítio no mundo, aproximam os visitantes do sofrimento vivido pelos habitantes apanhados pelo vulcão, a estação arqueológica italiana volta a ser também um campo privilegiado para a investigação e a reconstituição do modo de viver dos romanos no século I.

“A poesia [de Pompeia] está nos detalhes”, disse a dada altura Massimo Osanna, director, até ao início de Janeiro último, do Parque Arqueológico de Pompeia (PAP), referindo-se à sucessão de descobertas e revelações que o programa finalmente lançado pelo Governo italiano, com ajuda da União Europeia, vinha propiciando. E o “detalhe” pode ser um novo fresco decorativo de cor ocre e azul, um mosaico ou uma ânfora a revelar o modo de vida ou a classe social dos habitantes de uma *villa*, ou uma inscrição de propaganda eleitoral; mas também pode ser o ADN que permitiu determinar que dois corpos encaixados um no outro afinal não pertenciam, como se acreditava, a duas meninas, mas a dois rapazes; ou a constatação de que as sementes e os frutos encontrados em canos de esgoto ou no lixo das cozinhas correspondiam a colheitas do Outono e não do Verão, o que coincide com a nova leitura cronológica da erupção.

Novas tecnologias entram em campo

“Pela primeira vez em muitos anos, retomámos a escavação em grande escala em Pompeia, mas o mais importante é que estamos a poder usar novas tecnologias colocadas à disposição da arqueologia (incluindo *drones*, geo-radares, endoscópios e *scanners a laser*), com o apoio de uma equipa multidisciplinar”, explica Massimo Osanna, respondendo ao P2 via *email*.

Cumpre esclarecer que Massimo Osanna, arqueólogo, historiador e professor, dirigiu a vasta equipa do PAP entre Março de 2014 e o início do corrente ano, quando chegou ao fim o seu mandato à frente de um ambicioso plano de intervenção lançado em 2012, orçado



ALESSANDRO BIANCHI/REUTERS

em 105 milhões de euros e com a comparticipação da União Europeia.

Em 2010, o aluimento da icónica Casa dos Gladiadores, derrubada pelas caudalosas chuvas de Novembro, levava ao levantamento de um movimento internacional de indignação perante o esquecimento a que o terceiro Governo de Silvio Berlusconi estava a votar o património do país. “Pompeia é nossa!”, gritava-se de vários lados, de tal modo que a própria UNESCO, três anos mais tarde, ameaçou colocar o sítio classificado como Património da Humanidade em 1997 na lista dos bens em risco.

“Pompeia é um símbolo para o nosso país. A reprimenda da UNESCO é um alarme que levo muito a sério, e já estamos a trabalhar nos problemas urgentes do sítio”, disse, em Julho de 2013, Massimo Bray, ministro italiano da Cultura do breve Governo de Enrico Letta.

No ano seguinte, avançava finalmente um programa inicialmente delineado para cinco anos com o objectivo de atalhar, primeiro que tudo, “a recuperação da estação arqueológica, com a estabilização e o restauro dos seus edifícios, e que foi seguido de novas operações de escavação”, recorda Osanna.

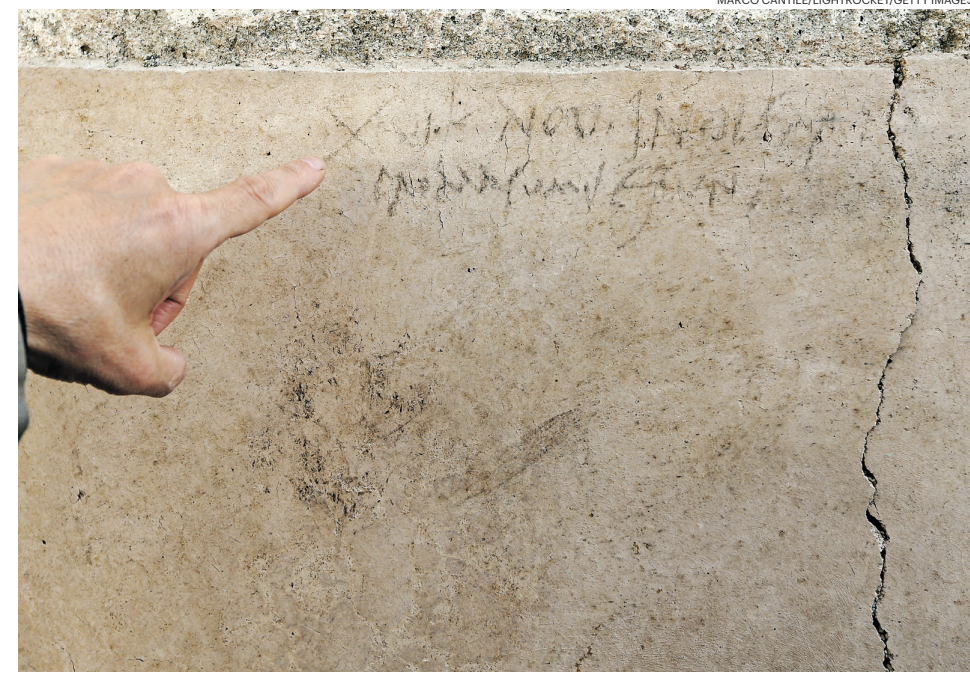
Nasceu, assim, o Grande Plano de Pompeia (GPP), que o então director classificou, em declarações à comunicação social, como “uma

Um lugar único

Nos últimos meses, foram revelados vários achados importantes de Pompeia, entre os quais uma inscrição (em cima, à direita) que altera de 24 de Agosto para dois meses mais tarde a erupção no Vesúvio que levou à destruição da cidade. Em baixo, sementes de trigo descobertas em Pompeia. Nesta página, momentos de lazer e de trabalho no “único sítio arqueológico do mundo capaz de nos mostrar, na sua totalidade, como era um centro urbano na antiga Roma”



KONTROLAB/LIGHTROCKET/GETTY IMAGES



MARCO CANTILE/LIGHTROCKET/GETTY IMAGES



DR

grande revolução, que veio dar uma nova vida à cidade”.

“O GPP foi uma intervenção ‘extraordinária’, e essencial para deter a degradação que ameaçava o local há muito tempo”, acrescenta agora Osanna ao P2, acreditando que a área arqueológica ficará “totalmente estabilizada” até ao final do corrente ano com o fim da intervenção nas zonas (*regiones*, na designação oficial local) 1, 2 e 3, das nove em que a cidade foi subdividida.

Simultaneamente foram iniciadas escavações e investigações numa área de mil metros quadrados na zona 5 (conhecida como a “Cunha”), onde ocorreram as fantásticas descobertas dos últimos meses. No total, a intervenção actualmente em curso desenvolve-se numa extensão de três quilómetros e faz com que se atinjam dois terços dos 66 hectares que formam a estação arqueológica de Pompeia – o que significa que restam ainda 22 hectares para escavar e... descobrir.

O Parque Arqueológico de Pompeia é actualmente dirigido, em regime interino, por Alfonsina Russo, arqueóloga também responsável pelo Coliseu de Roma, enquanto decorre o concurso internacional para a escolha do novo responsável pelo campo – cargo ao qual Osanna voltou a concorrer. Por altura da tomada de posse, Russo garantiu a “absoluta continuidade” da empresa em curso e realçou

“O Grande Projecto de Pompeia é toda a comunidade científica mundial a avançar e a pressionar o Governo italiano; é o mundo inteiro a dizer: ‘Isto é nosso!’ Ricardo Estevam Pereira

o sucesso e o reconhecimento internacional do trabalho orientado pelo seu antecessor.

Meter o microscópio no esgoto

Paralelamente às obras de consolidação e de modernização das condições de acesso ao campo de Pompeia – que em 2018 recebeu perto de 3,5 milhões de visitantes, rivalizando com os Museus do Vaticano como segundo sítio mais visitado em Itália, logo a seguir ao Coliseu de Roma –, o PAP está transformado num sofisticado laboratório de escavação e investigação científica.

Testemunha deste novo modo de escavar e ler o passado é António Carvalho, director do Museu Nacional de Arqueologia (MNA), que no Verão do ano passado integrou uma delegação da Direcção-Geral do Património Cultural que foi a Pompeia e a Nápoles tratar de estabelecer relações de intercâmbio, que vão permitir a realização de uma ambiciosa exposição em Lisboa sobre aquela estação arqueológica, na Primavera de 2020. “O que é novo em Pompeia é a entrada das arqueociências nas escavações, é meter o microscópio no esgoto”, diz o director do MNA, referindo-se àquele que é um novo paradigma de investigação que aí está, de algum modo, a ser testado a nível mundial.

Trata-se, agora, não tanto de procurar novas casas, altares, esculturas, pinturas ou mesmo “occos” de outros habitantes engolidos pela lava e preservados da erosão do tempo durante séculos, mas de analisar, através do cruzamento de vários utensílios, tecnologias e disciplinas, a relevância de elementos que até ao momento pareciam insignificantes, como restos moleculares, pólenes ou grãos de sementes. E isto sem esquecer os lixos que vão sendo encontrados por baixo não apenas de camadas de lava, mas também nos interstícios daquilo que foi sendo escavado – e muitas vezes depois recolhido – desde as primeiras descobertas e campanhas de escavações em meados do século XVIII.

Nova data para a erupção do Vesúvio

Foi, de resto, a contribuição das novas ciências e das tecnologias de ponta que veio fazer alterar a data em que se acreditava que tinha acontecido a erupção do Vesúvio, seguida de um *tsunami*, nesse ano de 79. Numa casa, onde foram também encontrados os “occos” de seis corpos, foi identificada uma inscrição com referência ao “16.º dia antes das calendas de Novembro”, data que, no actual calendário gregoriano, corresponde a 17 de Outubro. Esta constatação fez naturalmente deslocar para depois deste dia o fenómeno da erupção, deixando de ser aceite a anterior data de 24 de Agosto que decorria da leitura de uma carta de Plínio, o Jovem (61-113), a Tácito, historiador romano seu contemporâneo.

A análise microscópica e molecular de sementes e restos de comida nos lixos e esgotos da cidade veio ao mesmo tempo dar consistência às dúvidas já anteriormente sugeridas por alguns arqueólogos e investigadores quanto ao desajustamento destas colheitas, e também do vestuário encontrado e de vestígios de braseiros. Por que vestiriam os habitantes roupas quentes e teriam braseiros a uso se foi no Verão que se deu a erupção?

“Havia algumas vozes que apontavam nesta direcção, mas nunca encontrámos uma prova assim forte. Tínhamos dúvidas por causa de alguns dos objectos encontrados →

e pelas frutas que eles traziam. Mas também podiam ter sido recolhidos noutras épocas, para outros usos”, comentou Massimo Osanna aos jornalistas, quando esta descoberta foi tornada pública em Outubro passado.

“Hoje, os arqueólogos podem ficar mais encantados por encontrarem uma espinha de peixe, e com a história que ela lhes pode contar, do que perante um fresco maravilhoso ou uma nova estátua de mármore”, comenta Ricardo Estevam Pereira, comissário da exposição que o MNA está a preparar, e que integrou a delegação portuguesa que visitou Pompeia. O também arquitecto e quadro da Câmara de Sines dá como exemplo o facto de a descoberta de grãos de pimenta nos canos de esgoto ter também permitido aos investigadores perceber o que é que os pompeianos comiam, e reconstituir rotas comerciais da região com a Índia. “Está agora toda a gente a virar as costas aos frescos e às estátuas – que continuam a ser maravilhosos, mas já se esperava que assim fossem –, e está tudo fascinado com os esgotos”, acrescenta.

António Carvalho realça igualmente a teoria agora aceite de que Pompeia “era uma cidade de comerciantes e burgueses” – diferentemente da vizinha Herculano, na borda do Vesúvio, que sofreu também as consequências da erupção, e que “era uma localidade mais nobre” –, que estava na altura “a olhar para o Oriente e para o Egipto”.

Na visita realizada à estação arqueológica, o director do MNA disse-se também impressionado com o aparato das escavações na zona 5, aquela que até agora não tinha sido ainda intervencionada. “Parece um ‘hospital de campanha’ na linha da frente de uma ‘guerra’”, nota, referindo-se ao fluxo de trabalho entre o campo da escavação propriamente dita, a passagem dos objectos encontrados para um hangar e a posterior trasladação para o laboratório.

Uma cápsula do tempo

“Pompeia é uma autêntica cápsula do tempo”, diz António Carvalho, e a possibilidade de hoje se abrir essa cápsula com o recurso às tecnologias de ponta e a intervenção de diferentes ciências aproxima-nos da história, do tempo e do quotidiano dos romanos do início da era cristã como nunca até agora tinha acontecido.

Massimo Osanna confirma: “Pompeia, com a sua área de 66 hectares – dos quais só 44 foram escavados –, é o único sítio arqueológico do mundo capaz de nos mostrar, na sua totalidade, como era um centro urbano na antiga Roma.” O facto de a chuva de cinzas e piroclastos “ter engolido tudo – casas, habitantes, estradas, edifícios públicos e mobiliário” – fez com que a cidade tivesse ficado como que “trancada num terrível instantâneo, que nos deixou evidências históricas e arqueológicas excepcionais da vida quotidiana da época”, acrescenta ao P2 o ex-director do PAP.

O arqueólogo e professor italiano refere também que “a metodologia inovadora das escavações em curso, baseadas em avançadas tecnologias e numa estreita colaboração multidisciplinar entre os profissionais, está, pela primeira vez, a permitir observar e documentar de forma detalhada as escavações realizadas no passado, graças ao levantamento de numerosos vestígios dos túneis da era dos Bourbon [dinastia europeia que governava aquela região da Península Itálica no século XVIII], quando se deu oficialmente início às escavações em Pompeia, bem como de inter-

66

O que é novo em Pompeia é a entrada das arqueociências nas escavações, é meter o microscópio no esgoto

António Carvalho

Poesia nos detalhes

O Parque Arqueológico de Pompeia é dirigido interinamente por Alfonsina Russo, em baixo com Massimo Osanna, director até Janeiro, admirando o fresco representando o mito grego Leda e o Cisne. Osanna: “A poesia [de Pompeia] está nos detalhes”

venções anteriores, e conta-nos a história de métodos de escavação que eram completamente diferentes dos que actualmente usamos, tanto em termos de intervenção como de objectivos”.

Pompeia está assim transformada num caso singular de prática da arqueologia. “Aí assistimos não apenas à vanguarda do que a Itália pode fazer no domínio da arqueologia, mas à vanguarda da própria arqueologia mundial”, diz Ricardo Estevam Pereira. “O Grande Projecto de Pompeia é toda a comunidade científica mundial a avançar e a pressionar o próprio Governo italiano; é o mundo inteiro a dizer: ‘Isto é nosso!’”

Mas este património colectivo continuará também a ser – e certamente cada vez mais – um dos sítios mais procurados pelos visitantes e turistas. Massimo Osanna avança, de resto, que no final da campanha actualmente em curso está prevista a abertura ao público da zona escavada e tratada, “com os seus frescos e mosaicos”.

E esta vertente permanecerá certamente como a imagem mais apelativa de Pompeia, a cidade que, apesar e por causa da tragédia, resistiu à corrupção dos dias e dos anos. E que o visitante gostará de atravessar como quem viaja no tempo.

Então voltamos ao início, à expressividade dos “oculos” transformados em esculturas que simultaneamente representam a vida e o encontro com a morte (até ao momento, foram descobertos esqueletos relativos a cerca de mil e cem pessoas, não sendo no entanto possível determinar o número total de vítimas, numa população que ultrapassaria os 30 mil habitantes); mas também a arquitectura e a decoração das casas, as representações mitológicas, a urbanização...

Pedimos a Massimo Osanna que identificasse para o P2, entre as descobertas dos últimos meses, cinco das que considera mais relevantes para um olhar renovado sobre os mistérios

de Pompeia. O ex-responsável pelo PAP citou duas peças encontradas na Casa de Júpiter, no centro da cidade: o já muito celebrado fresco de Leda e o Cisne e o mosaico representando o catasterismo de Orion. São dois mitos da antiguidade, o primeiro, encenando a união de Júpiter, disfarçado de cisne, com Leda, a mulher do rei Tíndaro de Esparta (um episódio que continuou a ser profusamente pintado ao logo da história da arte ocidental, de Leonardo a Rubens, de Veronese a Cézanne, de Tintoretto a Dalí), e que, por debaixo de camadas de lava, manteve “um forte impacto sensual”, diz Osanna; o segundo, que representa a transformação do gigante Orion numa constelação, também tem um carácter único em Pompeia.

A descoberta de uma “sumptuosa sala de culto (*lararium*) e os seus frescos com paisagens idílicas e uma natureza exuberante, recheada de plantas e pássaros, bem como cenas de caça”, é outro destaque, ao lado das grandes pinturas da Casa com Jardim (ou Jardim Encantado) “representando Vénus com uma figura masculina (talvez Adónis ou Paris) e também Vénus à pesca com Eros”.

Mas – e este é certamente o olhar do arqueólogo, que associa a vertente do historiador com a do cientista – Osanna coloca acima de todas as descobertas mais recentes em Pompeia a da inscrição a carvão com a data de 17 de Outubro, que representa “um passo decisivo” para identificar o dia da erupção do Vesúvio.

Foi também essa descoberta que levou o actual ministro da Cultura italiano, Alberto Bonisoli, a deslocar-se em Outubro a Pompeia e a dizer: “Hoje, com muita humildade e, talvez tenhamos de reescrever os livros de História, já que actualizámos a data da erupção para a segunda metade do mês de Outubro [do ano 79].”

sandrade@publico.pt



POMPEII PRESS OFFICE / EPA

Um olhar português sobre Pompeia

Numa parceria com o Palácio Nacional da Ajuda, o museu instalado nos Jerónimos está a preparar uma exposição que deverá ser inaugurada na Primavera de 2020. Com ela vamos perceber como e porquê ficou a Europa fascinada por este campo arqueológico

Por Sérgio C. Andrade

No final do Verão de 1974, a 16 de Setembro, era inaugurada na Fundação Gulbenkian a exposição *Pompeia. Vida e Arte nas Cidades do Vesúvio*. Tratava-se de uma mostra itinerante que há dois anos corria por várias cidades europeias e que em Lisboa ficou até 16 de Novembro. A exposição era acompanhada por um catálogo com vários textos a enquadrar historicamente a relevância dos sítios arqueológicos engolidos pela erupção do vulcão Vesúvio no ano 79. Mas a sua existência certamente passou despercebida por entre o frenesim da vida política e social do pós-25 de Abril de 1974.

Esta foi a última exposição realizada em Portugal relativa às escavações nas antigas ruínas de Pompeia e de Herculano, que tinham sido iniciadas em meados do século XVIII, sob o reinado de Carlos VII, rei de Nápoles (depois Carlos III de Espanha). Mas Portugal, e em particular a corte de Lisboa, acompanhou bem de perto a evolução dessas descobertas no leito da lava do Vesúvio. É isso que o Museu Nacional de Arqueologia (MNA) quer mostrar na exposição que está a preparar para o próximo ano e que deverá ter também um núcleo no Palácio Nacional da Ajuda – que, enquanto residência régia, foi de resto decorada segundo o modelo do Reggia di Caserta, o palácio que Carlos VII mandou construir nesta cidade da Campânia.

A nova exposição em Lisboa vem sendo preparada desde o ano passado, comissariada por Ricardo Estevam Pereira, arquitecto da equipa da Câmara de Sines, e António Carvalho, director do MNA, confirmou ao P2 a sua inauguração na Primavera de 2020, no mês de Março ou Abril, data avançada na sequência de uma reunião recente da Direcção-Geral do Património Cultural com a Embaixada de Itália.

O objectivo da iniciativa, diz ainda António Carvalho, é “mostrar o impacto da descoberta de Pompeia e Herculano em Portugal no momento em que ela ocorreu, no século XVIII, e nos anos que se seguiram”. Assim, entre o MNA, em Belém, e o Palácio Nacional da Ajuda, a exposição vai reunir um *corpus* de bens culturais provenientes do Museu Arqueológico Nacional de Nápoles e do Parque Arqueológico de Pompeia. A eles serão acrescentados – e esta será a originalidade de uma iniciativa que não quer ser apenas “mais uma exposição com os testemunhos conhecidos de Pompeia”, nota Estevam Pereira – vários elementos, peças e documentos que mostram como



em Portugal se acompanhou a descoberta da cidade romana sepultada pelo Vesúvio. O comissário está a fazer o rastreio, em colecções públicas e privadas, de testemunhos coevos dessa época, como correspondência oficial – nomeadamente a que era endereçada para a corte de Lisboa por José António de Sá Pereira, 2.º conde de Anadia, que foi durante décadas ministro de Portugal em Nápoles –, relatos, livros, objectos de arte e de decoração.

Portugal não escapou, na altura, à atracção que as descobertas em Pompeia e Herculano motivaram nas elites culturais e sociais europeias. “Estas pessoas não se limitaram a visitar superficialmente estes lugares, mas trouxeram novos olhares e uma atitude crítica que souberam discutir com os responsáveis locais e que acabaram por redefinir a forma como as escavações, o registo dos achados e o seu estudo foram conduzidos”, diz o texto de apresentação da exposição, com o título provisório *Pompeia, Uma Ideia Europeia*.

O comissário da exposição cita, a propósito, as intervenções do 2.º duque de Lafões, João Carlos de Bragança, fundador da Real Academia de Ciências, do arqueólogo e historiador de arte alemão Johann Joachim Winckelmann e do diplomata, arqueólogo e coleccionador britânico William Hamilton, além de muitos outros, sem cujas reflexões “certamente a imagem que temos de Pompeia não seria a mesma”.

Em sentido inverso, os achados desenterrados nas localidades a sul do Vesúvio foram

Traços de Pompeia

Em cima, álbum da visita da rainha D. Amélia ao parque arqueológico de Pompeia, em 1903; em baixo, peça do centro de mesa do 2.º conde de Anadia, que foi durante décadas ministro de Portugal em Nápoles



determinantes na modelação de todo um imaginário neoclássico, não só em Lisboa mas em todo o país – “um gosto que foi muito desvalorizado pela nossa historiografia tradicional, que sempre valorizou mais aquilo que era historicamente patriótico e relativo à fundação da nacionalidade, aos Descobrimientos, ao Mosteiro dos Jerónimos”, realça Ricardo Estevam Pereira ao P2.

“As gazetas e as diversas obras impressas guardadas nas nossas bibliotecas revelam esta viagem das ideias: arquitectos, pintores, coleccionadores, entre outros, foram beber directamente às fontes antigas, recriando a partir delas atmosferas marcadas por uma busca da beleza ideal”, lê-se ainda na apresentação da exposição.

O arquitecto e investigador lembra que a corte portuguesa, em particular, acompanhou a evolução das escavações de Pompeia, desde os meados do século XVIII até à mediática viagem ao Mediterrâneo realizada em 1903 pela rainha D. Amélia e pelos seus filhos D. Luís e D. Manuel, que incluiu uma visita àquela estação arqueológica, de resto documentada no álbum de fotografia da monarca que o Palácio Nacional da Ajuda expôs entre Outubro de 2015 e Janeiro de 2016.

A atestar essa atenção às marcas que do reino de Nápoles chegavam a Lisboa está, por exemplo, um álbum com gravuras e notícias dos achados, e que o rei de Nápoles oferecia aos embaixadores de diferentes coroas europeias. “Há livros absolutamente fabulosos, que são o mais mágico que o século XVIII produziu”, nota Estevam Pereira, citando o caso dos sucessivos volumes desse álbum que chegam à corte portuguesa, e que D. João VI levou inclusivamente para o Brasil. Essa colecção acabou por ficar no Rio de Janeiro, mas, refere o investigador, “a importância de Pompeia é tal à época que quando a corte regressa a Portugal volta a adquirir esses livros icónicos” – obras que hoje estão depositadas na Ajuda.

Há outra circunstância histórica que liga Lisboa a Pompeia: é o Terramoto de 1755. “A destruição causada por forças da natureza unia também as duas cidades: imagens do Vesúvio transbordando lava ameaçadora povoaram as pinacotecas, os objectos do quotidiano e os gabinetes de História Natural”, escreve ainda o comissário.

Este e outros temas vão ser tratados num conjunto de iniciativas paralelas à exposição, que incluirá, além de visitas guiadas, conferências, filmes, concertos e, espera o director do MNA, “um encontro científico sobre grandes catástrofes que destruíram cidades europeias”.

sandrade@publico.pt